



BLUMENAU

em **CADERNOS**

TOMO III - Nº 5

MAIO

1960

MALHARIA MAJU S/A

**ESPECIALIZADA EM LINGERIE FINA
PARA SENHORAS E CRIANÇAS**



BLUMENAU

CAIXA POSTAL, 150 — TELEFONE, 1837
TELEGRAMAS : "MAJUSA"

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo III

MAIO DE 1960

N.º 5

LAJES, CEM ANOS DE CIDADE

Lajes, a bela princesa serrana, vê passar, a 25 dêste mês de maio, o centenário da lei que a elevou à categoria de cidade.

O evento está sendo comemorado, condignamente, pelo bravo povo lajeano que, para isso, organizou vasto e interessante programa, do qual consta, também, e como das principais atrações, uma grande exposição agro-pecuária.

O fato é, realmente, digno de ser festivamente lembrado porque, no decorrer dêsses cem anos, Lajes, da pequena e pobre vila que era, tornou-se, pelo esforço, pelo trabalho, pela atividade de seus filhos, centro de um município rico, próspero, uma cidade linda e bem cuidada, bem merecedora dos muitos e constantes elogios que lhe fazem os que a visitam.

O médico alemão, Roberto Avê Lallement, que lá esteve em 1858, dois anos antes da lei n.º 500, traça um retrato pouco auspicioso da vila de Lajes. É verdade que, em virtude de contratempos que sofrera, como forte luxação no joelho e várias privações de comodidades a que estava habituado, Lallement não esconde, na sua narrativa, certa má vontade contra o lugar. Não deixa, entretanto, de ser interessante, nesta oportunidade, transcrever algo do que êsse viajante escreveu. Tudo, ao contrário de depôr contra a centenária cidade e o seu povo, é, antes, mais uma prova do quanto são merecidos e justos os louvores que a êles são tributados, por ocasião das comemorações da grata efeméride.

Atravessado o rio Caveiras e ao chegarem ao alto de uma colina, Lallement e o seu guia, que haviam feito a cavalgada pela estrada de Tubarão, avistam a vila de Lajes. E a sua decepção se resume na exclamação do acompanhante do médico: "Mais c'est un trou!" Era, realmente, a vila de Lajes "um buraco", naquêles meados do século passado. Lallement comenta: "O meu "spahi" vira bem. Lajes é um pequeno ninho muito triste". É verdade que estava-se no inverno e o tempo era de chuva. E o escritor-viajante prossegue: "A rua Direita de Lajes! De certo se deve convir que é uma vila que tem ruas, duas ou três, até bastante largas e regulares. Mas falta-lhes, na maioria, boa aparência. Quase tôdas as moradas são térreas, geralmente fal-

tam vidraças nas janelas, o que dá aparência êrma. Creio que não vivem 500 habitantes no “ninho” cujo território municipal perfaz centenas de léguas quadradas, com 8 ou 9 mil habitantes”.

E depois de várias considerações sôbre os habitantes dos campos, o escritor adianta: “Logo que o meu joelho o permitiu, dei um pequeno passeio em tôrno da vila e de uma elevação próxima, onde se encontra arenito muito sôlto. Por mais que se olhe a vila, nada há que ver, mesmo a coisa mais insignificante. Está sendo edificada uma nova igreja, muito pequena e tão mal construída que ameaça desmoronar-se, com uma dúzia de escoras que tem aos lados e que, no lugar, são chamadas, por brincadeira, os “doze apóstolos”.

Como se vê, não são descrições muito lisongeiras, como não o são, também, as que Lallemand faz, criticando, acerbamente, a imoralidade que campeava na vila onde “o jôgo e mulheres amenisavam a vida dos criadores de gado e de negociantes de cavalos que moravam nos arredores e na própria vila”.

Escolhemos, justamente, o testemunho e a opinião de Lallemand — que, apesar dos pesares, parece registrá-los com sinceridade — quando assinalamos a passagem do centenário de Lajes, para demonstrar quanto os lajeanos, lutando contra tôda sorte de percalços, isolados, praticamente, em meio ao planalto central de Santa Catarina, longe dos centros de população e de consumo e mesmo da capital da província, à qual, só em épocas recentes, foi ligada por sofríveis estradas de rodagem, fizeram para engrandecer a sua gloriosa cidade. O “ninho” de 1858 é, hoje, um centro urbano digno de ser visto pelas suas ruas bem cuidadas, os seus prédios modernos, os seus hotéis dotados de tôda comodidade, a sua belíssima catedral, obra de admirável e paciente trabalho de cantaria, que os “doze apóstolos” sustentam, não materializados em escoras, mas com a graça de protetores de uma população profundamente crente, zelosa dos princípios morais em que foi educada e do grande amor que devota à sua excelsa padroeira, Nossa Senhora dos Prazeres que, desde o tempo do fundador Corrêa Pinto, vem presidindo os seus destinos.

Justo é, pois, o tributo que prestamos, nesta oportunidade, à “princesa da serra”.

As autoridades da cidade centenária, ao seu povo operoso e bom, as nossas congratulações, as nossas justas e sinceras homenagens!

— ★ —

O que dizem de nós

De uma carta do nosso prezado conterrâneo, sr. Ario Cunha, filho do saudoso dr. José Bonifácio da Cunha, um dos inesquecíveis administradores dêste município, copiamos êste trecho:

“Faço votos que V.S. continue orientando e animando a publicação de “Blumenau em Cadernos”, cuja divulgação, a meu ver, interessa não apenas aos blumenauenses, como também aos brasileiros em geral, pois faz com que a geração moderna tenha conhecimento e sinta que, o que tem sido alcançado, o foi à custa de muita luta e árduo trabalho a que se dedicaram homens de grande fibra e retidão de caráter”.

10.º OTTO STUTZER – (1895 a 1898)



Com a vitória da legalidade, voltou a calma a Santa Catarina e aos seus municípios. Em abril de 1895, realizaram-se, em Blumenau, as eleições para Superintendente e conselheiros municipais. Foram eleitos: superintendente, Otto Stutzer, com 633 votos e conselheiros municipais Pedro Cristiano Feddersen, com 499, Luís Abry com 480, Frederico Wilde, com 464, Ricardo Voigt com 383, Aléssio Freiner com 381, Pedro Schmidt com 345, Paulo Zimmerman com 339, André Câmpregher com 324, Henrique Klug com 316. O conselho elegeu seu presidente a Pedro Cristiano Feddersen.

Os eleitos tomaram posse a 16 de abril, tratando logo de organizar a vida administrati-

va e política do município que a revolução de 93/94 anarquizara por completo. Um dos primeiros atos da câmara, sancionado pelo superintendente, foi a decretação do 2.º Código de Posturas (22 de abril).

Em maio, seguinte, o dr. Hercílio Pedro da Luz que, em memorável eleição, havia sido eleito governador do Estado, visitou oficialmente Blumenau, tendo sido recebido com grandes festas pela população e pela câmara que, a 31, realiza uma sessão solene em sua honra.

Esse governador nunca esqueceu a solidariedade dos blumenauenses, nos dias difíceis por que atravessou a sua carreira política, e procurou, no poder, amparar as suas justas reivindicações e mal tomou conta do poder, concedeu um auxílio de 150 contos para a construção da ponte do Salto, sôbre o rio Itajaí-Açu, velha aspiração dos blumenauenses. Infelizmente, a concretização desse melhoramento durou ainda alguns anos, tendo a ponte do Salto ficado, por muito tempo, apenas nos pilares de pedra. Sômente em 1911 recebeu a estrutura de aço, que ainda conserva.

A 11 de dezembro de 1896 foi o Superintendente autorizado a chamar concorrência para a iluminação elétrica da cidade. O ordenado do superintendente era de 300 mil réis mensais (300 cruzeiros) e a renda municipal ascendia, em 1897, a pouco mais de 75 contos anuais.

Em novembro de 1898, realizaram-se as eleições para o quadriênio seguinte, tendo Oto Stutzer se candidatado à reeleição, sendo, porém,

derrotado pelo dr. José Bonifácio da Cunha. (809 votos contra 778).

O quadriênio Stutzer foi de grande proveito para Blumenau, tendo decorrido num ambiente de tranquilidade, que propiciou o desenvolvimento de iniciativas de interesse geral e de que resultaram assinalados melhoramentos para a cidade e o interior do vastíssimo município.

Oto Stutzer era natural da Alemanha, onde nascera a 3 de fevereiro de 1836, na cidade de Seensen, entre as montanhas do Harz, ducado de Brunsvique, que é a pátria também do dr. Blumenau. Desde pequeno dedicou-se à agricultura, tendo, depois dos estudos ginasiais, feito os seus anos de prática agrícola na quinta de Evensen, nos arredores da sede do condado. Depois, empregou-se como administrador num engenho de açúcar em Bohmersleben, próxima a Magdenburgo, estabelecimento que mantinha largas plantações de beterraba. Animado pela leitura de um folheto que o dr. Blumenau publicara, de propaganda da sua colônia, à margem do Itajaí, e pelas descrições que dela fazia Reinaldo Gaertner, sobrinho daquele fundador e que se encontrava na Europa, Otto Stutzer resolveu emigrar para o Brasil, para Blumenau. Aí chegou a 10 de agosto de 1856. Contava, então, 20 anos de idade. Francisco Salentien, que residia em Itajaí, aconselhou-o a que, antes de seguir para Blumenau, se empregasse na fazenda de Manoel Mafra, próxima àquela cidade, a fim de aprender mais depressa a língua do país. Depois disso, seguiu para Blumenau. Sua primeira ocupação foi o transporte do correio de Blumenau a Itajaí, que então era feito de canoa e cuja viagem durava, quando tudo ia bem, dois dias. Casado em 1860 com Teresa Bichels, empregou-se no moinho e serraria de propriedade do Dr. Blumenau. Em 1870 era juiz de paz da colônia; em 1871 acompanhou o engenheiro Odebrecht nas suas explorações pela região serrana até Curitiba. Em julho de 1882 foi eleito vereador à Câmara Municipal, cargo que ocupou até 1890. Dêsse ano até 1894 exerceu o cargo de procurador da mesma câmara, funções que exercia quando os seus municípios o foram buscar, em 1895 para a chefia do governo municipal. Passado o segundo governo do dr. Bonifácio Cunha, Oto Stutzer foi nomeado tesoureiro municipal. Nêsse pôsto permaneceu por 13 anos. Em 1916, aposentou-se, retirando-se, também, da vida pública, depois de três decênios de constante dedicação à causa do município que êle ajudára a engrandecer. Uma época de serenidade no aconchego do lar precedeu a sua morte, verificada em 28 de fevereiro de 1927, contando, então, 91 anos de idade.



EM 1912, a 13 de março, foi sancionado pelo prefeito de Blumenau, o ato da câmara municipal que criou o distrito de Bela Aliança, atual município de Rio do Sul. No dia 18 desses mesmos mês e ano, o governo do Estado designa o dia 28 de abril para as primeiras eleições de juiz de paz.

COMPAREÇA ÀS FESTAS COMEMORATIVAS DO
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ

Gertrud GROSS

Já em nossa edição de março, último, publicamos uma interessante colaboração da autora dos dois trabalhos que se seguem. Gertrud Gross descende do casal Hermann e Minna Hering, tronco de tradicional família de industriais e políticos blumenauenses. Gertrud manifestou, desde criança, grande pendor pelas revelações da cultura intelectual, incentivando e auxiliando as iniciativas nêsse setor, tornando-se, ela própria, uma escritora de apreciados méritos. Vários são os trabalhos que já publicou, entre êles, romances e contos, quase sempre tendo por cenário a bucólica paisagem blumenauense. Os "Cadernos" honram-se em dar acolhida, em suas páginas, aos pitorescos escritos da inteligente e culta escritora.

O "SCHIRMONKEL"

Êle não consertava apenas guarda-chuvas. Arrumava tudo que lhe levavam, desde a boneca quebrada até a máquina de costura defeituosa. Morava só, numa casinha de madeira, à margem da rua principal, situada em terras do Schadrack.

Estava, pois, nas proximidades da nossa casa e como nós, as crianças, sempre nos interessávamos pela variedade das coisas com que êle lidava, éramos assíduos freqüentadores da sua oficina. Silenciosamente, tolerava a nossa presença. De vez em quando, porém, resmungava, monologando.

Nas festas arranjadas para as crianças, que o senhor Lungershausen organizava anualmente, na Casa dos Atiradores — geralmente chovia no dia — a barraca de rifas do "Schirmonkel", era o ponto visado pela criança.

Por cinco vintens, ganhavam-se alí coisas muito bonitas, como fôsem pomada para cabelo, que melhor aplicação teria se ficasse nos frascos, sabonetes côr-de-rosa, azuis, amarelos, anéis, abotoaduras e brincos de pedras brilhantes. Tudo isso por cinco vintens, se o bilhete não saísse branco. Sentíamo-nos muito felizes quando ganhávamos uma bonequinha, uma bola, ou uma figurinha de decalcomania, destinada à propaganda de algum produto. Enfim, diante da barraquinha do "Schirmonkel", sempre havia grande aglomeração.

Era uma figura mirradinha, vestida à antiga, trazendo sempre na cabeça careca uma boina surrada. Assemelhava-se a uma caricatura, como as que se via nos quadros de Spitzweg.

Ninguém lhe conhecia o nome. E eu só o vim a conhecer, por acaso, há alguns anos atrás. Chamava-se Hoffmann von Fallersleben, como o grande poeta alemão. Como e se era mesmo aparentado com êste intelectual, nunca pude descobrir.

Tratava-se, portanto, de um náufrago da vida, um que caiu do ninho, um dos muitos dos quais as famílias se querem ver livres, ou dos que, por iniciativa própria, dela se separam...

O ÚLTIMO DESEJO

Talvez um ou outro morador dêste município se recorde do hebdomário blumenauense "Der Imigrant", editado por Bernardo Scheidemantel, com oficina de impressão à rua dos Atiradores. Scheidemantel foi um desses intelectuais que aqui envelheceu e que sempre incrementou o desenvolvimento cultural de Blumenau. Era dotado de alto espírito de humor e a polêmica que manteve, no seu jornal, com o "Blumenauer Zeitung", muito contribuiu para alegrar e divertir o ambiente social e político do antigo Blumenau.

Quando — isso há quarenta anos atrás — caiu seriamente doente e teve que guardar o leito, era êle seguidamente visitado pelo pastor evangélico Mummeltey que lhe amenizava os sofrimentos com interessante conversação, narrando-lhe sempre coisas agradáveis.

Certa feita, o pastor indagou dêle:

— Poderia eu fazer alguma coisa pelo senhor? Não tem o senhor algum desejo que eu pudesse satisfazer?

— Oh! sim, sim! respondeu o enfêrmo com sofreguidão. Eu desejaria vê-lo uma vez no porre, sr. pastor!

Como se vê, era um desejo bem extravagante e custou um pouco até que o pastor Mummeltey voltasse a si do espanto; êle era abstêmio e não suportava muita bebida.

Scheidemantel, entretanto, mandou vir vinho e, sentado na cama, alegremente brindou o seu pastor e cura d'alma. O vinho era bom e o pastor Mummeltey fez o favor ao doente de fingir que estava bebendo com entusiasmo. Em pouco, Scheidemantel começou a ficar bastante alegre. Esquecendo a sua hidropisia, pôs-se a cantar em voz alta canções de estudantes, no que era acompanhado pelo pastor. A velha governanta da casa, que tudo ouvia do lado de fora, sacudia a cabeça, completamente desnorteada com o "gaudeamus igitur" que lhe atordoava os ouvidos.

Finalmente, o pastor Mummeltey despediu-se e saiu do quarto, cambaleando. O doente, com isso, se sentia intimamente satisfeito.

Uma vez fora do quarto, o pastor tornou à sua posição normal e lançou um olhar à jardineira que ficava diante da janela junto à qual estivera sentado. Estava encharcada de vinho, em vez de água. Êle sentira-se feliz porque lhe fôra possível, mesmo fingindo, satisfazer o último desejo de um condenado à morte, ainda que se tratasse de um desejo irreverente, pouco piedoso...



FOI a 3 de junho de 1860 que chegaram as primeiras quarenta famílias alemãs para a colônia Teresópolis, fundada pelo presidente Araujo Brusque, próximo à Colonia Santa Isabel. Mais um centenário que passa desaperebido!



A primeiro de junho de 1928, foi inaugurada a linha postal, diária, entre Blumenau e a capital do Estado, — via Itajaí e Tijucas.

Flagrantes da história de Rio do Sul

Victor LUCAS

No início do século vinte, já possuía Rio do Sul um reduzido número de moradores. O movimento de colonos para esta região aumentava na proporção exata da propaganda gratuitamente feita por todos aqueles que se fixaram, ou na cidade, como a conhecemos hoje, ou mais para o interior. Não devemos esquecer que o interior era vasto e completamente inexplorado. O mesmo pode dizer-se das disponibilidades de terras, que eram quase imprevisíveis. Para ter uma idéia da extensão do terreno cultivável, que estava à espera de quem o recebesse e o trabalhasse, quero, seguindo o rio Itajaí, mencionar as seguintes, umas mais, outras menos extensas. Estas valadas eram formadas pelos afluentes menores e maiores do grande rio Itajaí e seus braços Sul e Oeste. Tanto o rio Itajaí-Açu, propriamente dito, como os seus dois afluentes, formam enormes extensões, abrangendo e atravessando um sem número de municípios vizinhos. Naquêles dias, porém, formavam um todo indivisível. Eram vales, aos quais se incluía a própria Hansa-Hamônia (Ibirama), que somente aí pelo ano de 1900 iria ser colonizada, e que se confundiam e entrelaçavam, sem que alguém pudesse ajuizar as suas extensões, as suas riquezas e possibilidades. Densas e negras florestas cobriam estas regiões. Estas florestas eram riquíssimas em madeira de lei e de qualidade. Sobressaiam a canela e o cedro, como hoje ainda, na longa lista de madeiras de lei. Na de qualidade, o pinho encabeçava um sem número de boas madeiras, dentre os quais prima, hoje ainda, como um grande fator de exportação. Era uma riqueza que estava ali, à mão, esperando, apenas, que a recolhessem, ou a transformassem em matéria prima, exportável, ou negociável. Como hoje acontece ainda, enchia, também naquela época, os olhos e o coração de quantos com elas se deparassem. Além da terra, que era gorda e fértil, era a madeira o maior atrativo. Não havia força que pudesse conter a corrida em direção a essa riqueza. Esta riqueza, porém, que parecia de fácil alcance, por estar ali, à vista, e desempedida, era mais quimérica, que real. Embora à mão, esta riqueza se transfigurava, tornando-se um dos grandes impecilhos aos colonos. As florestas eram densas, ou fechadas, e o trabalho do preparo das roças, requeria um esforço supremo por parte dos colonos, como hoje acontece ainda, em regiões menos acessíveis, esalfando-lhes as energias. O terreno, após a queima, continuava semeado de grossos troncos, e outros tantos tocos, que impediam a mecanização, e hoje ainda a impedem, da lavoura e dificultavam o trabalho. Mas estas dificuldades que enfrentava o colono, não impediam que o governo desde a mais remota era colonial, reconhecesse, na madeira, uma boa fonte de renda. Para certificar-se disso, basta olhar o edital publicado em 24 de Novembro de 1883 (Bl. Ztg. nr. 48 de 24-11-1883) e que fixava uma taxa especial sobre madeira serrada. Vamos transcrevê-lo: "O procurador da Câmara Municipal da Vila de Blumenau faz público, que por ordem da mesma Câmara foi pôsto em execução o disposto no § 12, do Art. 3.º, da Lei Provincial nr. 1040, de 8 de junho de 1883, mandando cobrar 100 réis p. dz. de madeira serrada que sair do município e de 5 réis por m. 0,22 de vigas, com aplicação ao hospital. Portanto não poderá ser exportada madeira para fora dêste Município, sem que previamente seja pago o referido impôsto. O procurador H. Avé-Lallemant." Embora este impôsto esteja estreitamente ligado à construção de um hospital, dá-nos uma idéia da importância emprestada à madeira como fator de exportação. De fato esta exportação nos anos que vão de 1883 a 1887, somam 30.998 dz. (Bl. Ztg. nr. 33 de 13-1-1887). A Câmara Municipal de Blumenau estava, certamente, impressionada pela devastação da madeira do litoral. Mal sabia que ainda existiam reservas inexpugnáveis nas regiões banhadas pelo mesmo rio que atravessava a velha colônia Blumenau, regiões estas que estavam encabeçadas pelo Rio do Sul, seguidas de Hansa-Hamônia, Brusque e Itupuranga. Era tal a abundância da madeira existente nestas regiões que ainda em 1915 (cf. documento publicado) se negociava a dúzia de madeira de canela, em pé, bem assim o cedro e peroba, tôdas madeiras de primeiríssima qualidade, ao preço de um mil réis (Cr\$1,00) a dúzia. Sim senhores, um milréis, a dúzia. As serrarias, se as havia, praticamente nada

pagavam. O colono, vendo-se assim ludibriado nas suas justas esperanças, geralmente não recolhia a madeira. Deixava-a na roça, onde apodrecia. A terra, porém, generosa e grata, respondia com colheitas que se apresentavam fartas e boas. Mas não era isso que o colono via de início, principalmente o imigrante. Este, sem nenhuma experiência, mais facilmente se iludia ainda, diante do que viu e diante do que deixou atrás de si, na longínqua Europa, já superpovoada e com as suas terras tomadas. Quanto ao descendente, já nascido aqui, com o seu lastro de experiência, este não se iludia tão facilmente. A vida já lhe ensinara que a riqueza dêle exigia paciência, suor e sacrifício. Este último fazia suas derrubadas e preparava a queima. Nesta última, não distinguia entre madeira de lei e madeira de qualidade. Geralmente, o colono abandonava-as ambas, ou então apenas aproveitava a flor da mesma, deixando o resto nas roças, onde apodrecia, adubando o solo. A canela, esta maravilhosa madeira, própria para revestimentos e móveis, tão procurada hoje nas grandes capitais, com mil e uma aplicações, de reconhecido valor para exportação, existia em tão grande abundância, que um século de devastações sem peias, não puderam diminuir-lhe o seu lugar de absoluto domínio no consumo do mercado nacional. E continuará indefectível ainda por algum tempo, ao lado do pinheiro de outras regiões, como fator econômico. Mas naquela época não era assim. Ficava na roça, onde impregnava o solo de pigmentos ácidos, tornando-o impréstável para a lavoura por longos anos. Era assim a madeira uma das maiores ilusões de todos quantos com ela especulavam. Esta situação somente veio a mudar com o advento da industrialização, após a segunda guerra mundial, quando aqui se instalaram algumas indústrias, que levaram o nome de Rio do Sul, e de suas madeiras, além fronteiras, projetando-o até no estrangeiro. As reservas florestais hoje, porém, estão diminuídas. O grande Vale do Itajaí está ameaçado na sua riqueza florestal, principalmente no que diz respeito à canela e cedro. Dentro de vinte anos, se vai a tanto, estaremos a braços com sérios problemas. Terá desaparecido tudo aquilo que ontem ainda parecia inexpugnável. Devemos esperar tanto?

Como já afirmara antes, Rio do Sul, ou Bela Aliança, já possuía em 1900 alguns moradores, alcançando talvez, se incluirmos o interior, a primeira dezena. Não eram muitos, é verdade, mas já representavam um bom início e uma boa esperança. Seguindo a pista do colono na sua marcha para o Oeste, verificamos que não foi Rio do Sul, o seu primeiro objetivo. Lontras, algumas dezenas de anos antes da chegada do primeiro colono a Rio do Sul, já experimentara um movimento de colonos lombardos, fixados ali com o auxílio do governo. Esta tentativa, no entretanto, não trouxe os resultados colimados, morrendo praticamente no nascedouro. A zona de Lontras, pré-estabelecida como cabeça de ponte para a colonização do Alto Vale do Itajaí, era insalubre. Apresentava esta região verdadeiras epidemias de maleita, tendo os colonos novamente abandonado a região, sem tomar em conta o auxílio do governo, que enviara um médico para socorrer a colônia recém-formada. Não por último, o regime permanente do gentio também contribuiu, decisivamente, na resolução de abandonar novamente as conquistas tão precariamente feitas. Os colonos eram tomados de completo desânimo, tanto assim que, somente muito mais tarde, aí pelo fim do século dezanove, reiniciou-se o movimento. Antes, porém, de pensar-se em colonização, estava previsto pelo próprio Dr. Blumenau um destino bem diverso para Rio do Sul. Aqui, porém, merece seja feito um estudo mais aprofundado. Em Ofício nr. 36 de 13 de junho de 1868 falava-se a primeira vez da Barra do Rio Itajaí do Sul. Este ofício foi dirigido pela Colônia Blumenau ao Exmo. Sr. Francisco José de Oliveira — Vice presidente da Província. Como se trata de um documento de comprovado valor histórico, peço licença para transcrevê-lo na íntegra. El-lo: "Em consequência do Ofício nr. (?) de 27 de junho p. passado, com a cópia das instruções do missionário frei Estêvão de Vincenza, escolhi com este e o sr. Chefe da Comissão encarregada com a medição do Alto Itajaí Açu, o lugar que parece o mais apropriado para a formação de um aldeamento de índios e que está perto da barra do Braço do Sul do Rio Itajaí-Açu. Permito-me observar, que conforme o orçamento aproximativo que o sr. Missionário terá a honra de apresentar a V. Excia., as despesas da expedição para aquêle lugar e dos primeiros arranjos ali, importarem entre Rs. 3:500\$000 a Rs. 4:000\$000 e que dito missionário precisa ter à sua disposição

esta quantia para que a sua empresa possa ter resultado em algum modo favorável e para poder subsistir por algum tempo e segurar-se contra os ataques dos Índios naquele lugar deserto. Deus guarde a V. Excia. Colônia Blumenau, 13 de Junho de 1868. Ass. H. Wendeburg — O diretor interino”.

Este officio prova-nos o seguinte: 1.º que o ano de 1868 é aquêlê em que esteve em Rio do Sul um missoinário, por ordem do governo, para estudar “in loco” a possibilidade do aproveitamento das terras do Alto Rio Itajai-Açu, mormente na embocadura do Braço do Sul, do mesmo rio. 2.º que inicialmente não se cogitara por parte da direção da Colônia Blumenau, de colonizar esta região, propondo-a para a localização de uma aldeia de bugres, como posteriormente aconteceu com Rio Plate. 3.º que o perigo de ataques por parte dos Índios era indiscutível, com o que vem ser confirmada a luta, sem trégua, tantas vêzes ressaltada aqui nestas minhas crônicas. 4.º que se tratava de uma região absolutamente deserta. Este último caso vem ser confirmado com um artigo de fundo do “Blumenauer Zeitung”, datado de 22-12-1883 (nr. 52), em que é abordada a construção da estrada a Curitibanos e no qual está confirmada a data de 1868 e 1871 como sendo a época em que aqui esteve o engenheiro Dr. Emilio Odebrecht, fazendo os primeiros levantamentos topográficos para a construção da picada para a serra. Vale a pena traduzir este artigo, pelo que possui de informativo e histórico: LEMBREM A ESTRADA DA SERRA — De acôrdo com o protocolo de 27 de Novembro a.c. (vejam Bl. Ztg. Nr. 50) a Câmara Municipal de Blumenau recebeu uma representação assinada por 128 moradores de Curitibanos e Campos Novos, dirigida ao Presidente e à Assembléa Provincial, a qual pede a construção da estrada desta Vila para Curitibanos. Este ato contém uma advertência à Colônia de Blumenau de proceder da mesma maneira. Que uma boa ligação com a serra é de suma importância para o intercâmbio comercial e industrial, é de todos reconhecida, como também ficou confirmada, no curto espaço em que esta abertura provisória era trafegável, tanto assim que esta verdade está fora de qualquer dúvida. Desde muitos anos homens de reconhecido valor vem insistindo neste sentido. Daí por que o presidente da Sociedade de Cultura, em sua sessão de 12 de Fevereiro de 1871, na pessoa do Dr. Max Merck, após ter feito uma exposição clara e sucinta sôbre as vantagens que adviriam da construção de uma estrada para a serra para a Colônia de Blumenau, fez uma petição à Sociedade de Cultura de Blumenau, para dirigir-se diretamente ao governo imperial. Por unanimidade de votos foi transformada esta petição em resolução pela Assembléa, à qual compareceram grande número de associados, e indicados os srs. Dr. Hermann Blumenau, H. Wendeburg e E. Odebrecht para elaborarem esta petição ao Governo Imperial. Efetivamente foram concedidos, após esta petição, pelo governo repetidos auxílios em dinheiro para a construção desta estrada, após ter sido feito o respectivo levantamento topográfico pelo engenheiro Dr. Emilio Odebrecht, nos anos de 1868 e 1871, ao que seguiram-se os trabalhos de abertura desta estrada, debaixo da direção superior da Diretoria Colonial. Naturalmente foi necessário para a abertura dos trabalhos desta estrada que se observasse, pela precariedade dos meios concedidos, um regimen de absoluta economia, mormente na região mais alta, restringindo os trabalhos ao absolutamente necessário; mal oferecia esta estrada passagem para animais e já vinham tropeiros descendo a serra. Não obstante as grandes dificuldades ainda reinantes no início, quando a estrada beirava, em passagens estreitas, verdadeiros precipícios, expondo o viajante a sérios perigos, o movimento desenvolveu-se favoravelmente, aumentando continuamente. Infelizmente, porém, após a abertura desta estrada, nada mais foi feito para a sua conservação, ou melhoramento. De início, difficilmente passável, foi abandonada quase que completamente e foi-se arruinando gradativamente, até que a enchente de 1880 a tornou completamente intransitável. Quando o governo, posteriormente, concedeu um crédito de 400 Contos de réis para a reconstrução das pontes e estradas da Colônia, também para a estrada da Serra brilhou um raio de luz, ou de esperança. Antes que a Colônia fôsse emancipada, assim se afirmava, a estrada da serra tinha que ser completamente reformada. De fato, no orçamento constava uma parcela, ou verba, que, se aplicada com propriedade, bastava para conseguir resultados duradouros; mas, em verdade, o que foi feito? Contudo, na parte baixa foi feito pelo menos tanto, que deu para salvar as aparências; mais para cima, na serra, em longos trechos,

nem de leve houve esta preocupação, e assim, em curto praso, esta estrada tornou-se pior do que antes. No mesmo passo em que as dificuldades e perigos aumentaram, apareceram também os prejuizos dos tropeiros e assim o movimento, antes auspicioso, foi diminuindo gradativamente até a sua quase completa paralização, destruindo assim as nossas justificadas esperanças. A importância que este movimento promete ser, resulta do fato que, logo após a reconstrução da estrada em 1882, ter havido dias em que aqui apareceram 5 a 6 tropas de cargueiros, uma até de Lages e Campo das Palmas. Não só podemos contar com a freguesia de Curitiba e Campos Novos, mas também a de Lajes até Vacaria, com São João, Corisco, Campos das Palmas, onde, em parte, dizem haver regular abastança, e que entrarão conosco em negócios. Os produtos principais, os quais vêm de cima para baixo, são além do gado (rêses, cavalos e até porcos) os seguintes: fumo, queijo, xarque, cebo, couros, cerdas de cavalos e bovinos, e herva-mate. Na Colônia mesmo serão consumidos muito pouco destes produtos; trata-se, no entanto, de produtos vendáveis e de suma importância no comércio, acrescido do fato de alguns produtos favorecerem indústrias já aqui instaladas, ou propiciando a instalação de novas. Assim acontecerá com os couros, de reconhecida melhor qualidade, para os nossos cortumes; o cebo favorecerá as fábricas de sabão; até a crina animal deverá representar um fator importante na sua aplicação industrial. Na frente de todos, porém, estará a erva-mate, que promete um grande movimento e apreciáveis lucros, como acontece em Dona Francisca, que deve seu bem estar menos à lavoura, que ao intercâmbio com erva-mate. Já de Trombudo para cima, mais, porém, no campo, de Canôas para cima, e em Rio Cachôro etc., encontram-se grandes ervais, que poderão ser aproveitados imediatamente, desde que com a estrada da serra lhes seja garantida a sua colocação. De outro lado, os tropeiros levam daqui nossos produtos coloniais: açúcar, cachaça, vinho de laranja, arroz e farinha de mandioca; dos nossos produtos industriais: sapatos, funilaria, artigos de selaria e ferraria e tecidos grossos de algodão (As fábricas de tecidos de Röder, Karsten & Hadlich fornecem estes já em ótima qualidade); e ainda outros produtos, como: sal, café, trigo, vinho, ferragens e produtos de vidro etc. Dos nossos produtos coloniais é principalmente o açúcar o produto mais procurado pelos serranos e levado em grandes quantidades, reagindo assim favoravelmente no preço. Quanto à colocação de sapatos e artigos de fôlha, ou funilaria, pode facilmente concluir-se, baseado em Dona Francisca, que haverá um regular incremento, na venda e exportação. Em resumo, pelo que foi possível inferir do movimento havido na estrada nos anos de 1879 e 1882, quando estava em boas condições, pode-se contar com a chegada de uma tropa por dia. Se toda tropa, pelo que informou um negociante, que teve muitos negócios com os tropeiros, fizer uma compra de 150\$000 rs. a 200\$000 rs., o volume, por ano, alcançará a cifra de 60 a 70 contos de réis. Indiscutivelmente mais alto, embora não alcance as cifras, num cálculo aproximativo, serão os lucros com os produtos acima relacionados, principalmente com erva-mate. Com o tempo, porém, este movimento e estes lucros aumentarão consideravelmente. Porque, desde que exista uma estrada em boas condições, que ligue a serra à costa do mar, a população aumentará a sua produção, sua necessidade e seu bem estar, num ritmo crescente. Também não devemos esquecer que até a mão de obra, na serra, terá a sua procura, como já ficou demonstrado na prática. Como se depreende desta curta apreciação, o nosso interesse na estrada, não deixa de ser maior que o dos serranos, e se não os secundássemos nos justos reclamos, daríamos uma demonstração de fraqueza e desinteresse, o que não é admissível, tanto assim que devemos acompanhá-los e encorajá-los até que seja alcançado o objetivo. São vastas zonas da Província, que receberão, com isso, um surto de progresso indiscutível, tanto assim que o govêrno não se poderá negar a atender ao apêlo. Devemos, porém, ficar sem ação, até que sejamos bafejados pela graça do govêrno, então dentro de 100 anos ainda estaremos no mesmo lugar. Por isso, ninguém deixe de prestar o seu apôio, assinando a petição que se encontrará exposta em lugares prèviamente indicados. Aug. Mueller”.

Como se vê, este artigo, concitando a população de Blumenau para prestar o seu apôio para o restabelecimento do tráfego pela estrada, precariamente aberta entre Blumenau e Curitiba, dá-nos uma idéia exata da situação reinante nos sertões riosulenses nessa época, quando Rio do Sul era apenas um

ponto geográfico no mapa do nosso Estado. Mas a sua posição privilegiada, situado na confluência de dois grandes rios, bem no centro do nosso Estado, fêz com que o interesse, apenas despertado, pela construção da estrada ora abordada pelo jornal "Blumenauer Zeitung", que traduzi para o vernáculo, continuasse vivo em homens quase visionários, como o Dr. Hermann Blumenau. Assim, o mesmo, no officio nr. 96, de 18 de dezembro de 1878, após verificar que não fóra atendido na sua sugestão de estabelecer, em Rio do Sul, um pósto de índios, pela carência de meios, voltou à carga, junto ao primeiro Vice-presidente da Província, o Exmo. sr. Dr. Joaquim da Silva Ramalho. Oportunamente voltaremos a este assunto.



ESTANTE DOS "CADERNOS"

★ **"GOETHE - Espírito e Vida" — Joachim von Rintelen, tradução do Professor Pedro de Almeida Moura — Edições Melhoramentos.** — Por nímia gentileza do nosso ilustrado amigo e conterrâneo, dr. Karl Fouquet, recebemos um exemplar dêsse magnífico trabalho sôbre aspectos da personalidade inconfundível do grande poeta alemão. Aspectos, aliás, os menos estudados da vida e do pensamento de Goethe, pelo menos para o comum dos leitores. Goethe, para os que não se teem aprofundado no estudo das suas obras, das manifestações transcendentais do seu espírito, é, sobretudo, poeta, o maior poeta alemão de todos os tempos. Entretanto, como bem acentua o tradutor no prefácio da obra de que tratamos, "não é mais possível, hoje em dia, excluir o pensador de Weimar do rol dos grandes filósofos, de tal maneira contribuiu êle para a formação cultural da Europa, e, por conseguinte, para a nossa formação, na medida em que a nossa cultura seja um reflexo da cultura do Velho Mundo". Realmente, como filósofo, Goethe se sobrepõe, destaca-se de maneira inconfundível em tôda a sua obra maravilhosa. O trabalho de von Rintelen, muito erudito, encontrou, no professor Pedro de Moura, um tradutor à altura da grandiosidade do tema explanado. E a "Edições Melhoramentos" não poupou esforços no sentido de dar à parte material do livro a máxima perfeição. Papel excelente e impressão ótima. Um livro, êsse, que deve figurar na biblioteca de todo homem de cultura. Ao dr. Fouquet, os nossos melhores agradecimentos pelo precioso presente.

★ **"A MITOLOGIA HERÓICA DE TRIBOS INDÍGENAS DO BRASIL".** — Egon Schaden — Edição do Ministério da Educação e Cultura. — Serviço de Documentação. — É dos mais palpitantes e atrativos o tema que o dr. Egon Schaden escolheu para o livro com que teve a bondade de nos presentear recentemente. Versando matéria em que o autor é mestre de incontestável autoridade, o trabalho que temos presente é de grande interesse, não apenas ao estudioso da matéria, mas ao próprio leigo que, nêle, encontra uma reunião de fatos relacionados com os usos e crenças religiosas dos nossos indígenas, de fascinante atrativo, escrita em estilo leve, de fácil assimilação. O dr. Egon Schaden, aliás, que já esteve em Blumenau e se mostrou grande amigo e admirador do nosso município, tem escrito muito sôbre o tema e o livro, com que nos presenteou é um dos muitos e esplêndidos resultados das suas observa-

ções pessoais, do seu diuturno manuseio dos mais conhecidos antropólogos e etnólogos nacionais e do estrangeiro, enfim dos seus vastos conhecimentos da matéria. Agradecemos ao ilustrado dr. Schaden a gentileza com que nos distinguiu.

★ **“TEATRO BRASILEIRO” — Hermógenes Viana — III.º Volume —**
Edições Agave — São Paulo, 1957. — O ilustre acadêmico pernambucano, Dr. Hermógenes Viana honrou-nos com o oferecimento de outra magnífica produção sua. Trata-se, agora, de sete peças teatrais, enfeixadas em alentado volume, muito bem impresso e de agradável apresentação. Abre o livro a peça em quatro atos “O Patriarca da Independência, na qual o professor Hermógenes Viana nos mostra lances interessantes da vida de José Bonifácio, muito bem arranjados e que, sem se afastar da realidade histórica, prendem o leitor e, certamente, o farão, também, com os espectadores, pela leveza dos diálogos e pelo movimentado das cenas. As demais peças, que desenvolvem, algumas, temas regionais, foram, também, muito bem lançadas e por certo despertarão, igualmente, a atenção e o interesse dos que as assistirem. Hermógenes Viana é um intelectual esforçado e culto, já tendo publicado vários outros trabalhos, distinguidos com o louvor dos críticos mais exigentes. Nesta mesma seção já tivemos, há pouco, oportunidade de falar de outro livro do mesmo autor — “A Fundação do Recife” — no qual o dr. Viana se nos apresenta como um historiador honesto, senhor de vastos conhecimentos relacionados com o passado do seu Estado natal. Muito obrigado ao Dr. Hermógenes Viana por mais êste magnífico presente com que nos honrou.

★ **“IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL” —**
Adolfo Bernardo Schneider — Joinville — 1959. — De uma viagem feita pela zona colonial italiana e alemã do Rio Grande, o sr. Schneider trouxe impressões muito curiosas que registrou num folheto de 32 páginas e do qual teve o cavalheirismo de nos ofertar um exemplar. Há, nesse livrinho, a par das descrições de locais visitados, muitas observações judiciosas que o autor, homem de grande pendor para os estudos históricos e etnográficos, nos apresenta em linguagem desprezenciosa e agradável. Agradecendo a honra com que o sr. Schneider nos distinguiu, não podemos deixar de louvar-lhe o esforço e a dedicação pelo culto das letras históricas e pela solução dos problemas ligados à situação dos colonos e das colônias que fizeram o engrandecimento dos dois Estados do sul, temas que muito o seduzem e sobre os quais muito já tem escrito. E escrito com criterioso acerto.

**BRUSQUE, o berço da fiação catarinense,
aguarda a sua visita, por ocasião das celebrações do 1.º Centenário de fundação,
em agosto próximo.**

OTTO WILLE



Focalizamos, nesta seção, a figura de um modesto, mas nem por isso menos eficiente batalhador da imprensa em nossa terra. Oto Wille, que já se tornou tradicional em nosso município, onde todos o conhecem e o estimam, veio, em 1904, para o Brasil, trabalhando, com seus pais, Ferdinando e Augusta Wille, na colônia Hansa-Hamônia. Depois de ter sido empregado do pastor Dr. Aldinger, entrou para o comércio em 1907, como auxiliar da casa de Rodolfo Altenburg & Cia., de Morro Pelado. Em 1910, empregou-se em Florianópolis, na casa de André Wendhausen & Cia. Três anos depois, e em seguida a uma curta perma-

nência em Blumenau, foi para Santos. Regressou, pouco depois, para Hamônia, onde passou a dirigir a filial da firma F. Blohm S/A, em Nova Berlin. Em 1918 associou-se a Osvaldo Odebrecht em Aquidaban, hoje Apiúna, de cujo negócio se tornou proprietário. Não limitou suas atividades ao comércio. Dedicou-se à colonização de vasta área de terras em Vargem Grande, na qual abriu estradas, construiu serrarias. Em 1924, em companhia do saudoso Dr. Victor Konder, visitou a Alemanha, sua terra natal, onde comprou maquinismos modernos para a indústria madeireira. Não tendo, porém, capital suficiente para ampliar as suas iniciativas industriais, vendeu quanto possuía a Emílio Odebrecht e mudou-se para Curitiba onde, depois de poucos meses de atividade numa charutaria, empregou-se na Estrada de Ferro S. Paulo — Rio Grande como inspetor de combustíveis. Em 1928, retornou a Blumenau como representante da importante firma Theodor Wille & Cia. Aqui permaneceu até nossos dias, tendo, em 1934, iniciando as suas lides na imprensa, publicando a primeira edição do Almanaque Wille (“Wille’s Kalender”) que se editou, ininterruptamente até 1940 quando, em virtude das contingências políticas do momento consequentes da ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, foi obrigado a encerrar suas atividades. Mas, em 1952, tornou a ser publicado e, até hoje, vem prestando eficiente serviço à cultura e ao desenvolvimento material e moral dos Estados do sul do Brasil. Em 1950 editou o “Guia de Blumenau”, comemorativo do centenário de fundação do município e, no ano seguinte, o “Guia de Joinville”, também em homenagem à data centenária do grande município do norte do Estado. Bastante entrado em anos, Oto Wille continua, mesmo assim, à frente da sua publicação, sempre alegre e bem disposto, enfrentando, com o seu proverbial

bom humor, as dificuldades, às vezes penosíssimas, da atribulada vida do batalhador da imprensa. Prestou, onde quer que tenha exercido a sua atividade, bons serviços à coletividade do Vale do Itajaí e merece, por isso, a homenagem que lhe tributamos nesta página.



Cerveja e... Latim

Seria interessante contar a história das cervejarias que já existiram em Blumenau. Povoado de elementos vindos da velha Germânia, apreciadores da boa cerveja e do chop, fabricados e servidos pelos métodos clássicos, provindos de eras imemoriais, o município de Blumenau não podia deixar de contar com várias fábricas dessa nutriente bebida, para satisfazer aos seus milhares de fans.

Quanta coisa engraçada, ou triste, poderia ser lembrada na memória que se escrevesse sobre os diversos fabricantes de cerveja, as múltiplas marcas da bebida e, naturalmente, sobre os efeitos da ingestão exagerada, pelos "Bierbrüder" descontrolados, nas festas dos clubes, nas reuniões sociais, nas manifestações coletivas, ou mesmo nas salas-de-estar onde o skat familiar era pretêxto para o esvaziamento de dezenas de garrafas de cerveja fresquinha, espumante e saborosa. Garrafas que eram fechadas com rolhas de cortiça, sobre as quais ainda se passava um fio de barbante preso ao gargalo para evitar que a fermentação do líquido fizesse disparar a rolha, fóra de oportunidade, num estouro seguido de abundante cascata de espuma fervilhante.

Na cidade havia a cervejaria de Hosang & Schossland, a de Rieschbieter, a de Oto Berndt e a do Oto Jennrich e outras.

O último desses fabricantes de "bier" foi um tipo interessante e que ainda chegamos a conhecer pessoalmente. Tinha, como muitos dos blumenauenses dos antigos, extremado amor pelo seu município, a sua pequena pátria. Conhecia-lhe bem a história e tanto apêgo tinha às coisas do seu passado, que fez construir, à sua custa, um prédio onde reuniu lembranças, curiosidades e documentos dos primeiros anos da colônia. Era o "Museu Jennrich", situado em Itoupava Sêca e constituía uma das atrações dos blumenauenses e de quantos até aqui vinham em visita.

Era homem inteligente e de alguma cultura e, como bom fabricante de cerveja, estimava sentar-se às mesas de grupos alegres de homens circunspectos e de senhoras imponentes, para ajudar e estimular o consumo do dourado e refrescante líquido, aos acordes, desafinados pela intemperança, de velhas canções apropriadas, como aquela saltitante

"Trink noch ein Tröpfchen
Trink noch ein Tröpfchen..."

O homem e a sua cervejaria e o seu museu seriam motivo para uma crônica preciosa.

Mas, enquanto essa crônica não vem, queremos lembrar, aqui, um fato, de que nos deu conhecimento um ilustre e honrado blumenauense, e que bem retrata a índole folgazã e o bom humor de uma inteligência

que não se deixou brutalizar pelos vapores das ferventes infusões do lúpulo e da cevada (e era bem disso que, então, se fazia cerveja).

A cervejaria Jennrich ficava na Itoupava-Sêca, em Áltona, como então era mais conhecido o bairro blumenauense. E, à entrada da mesma, ao alto, o proprietário pintara esta inscrição latina, em letras góticas que pareciam copiadas de uma bíblia do século XIV, e que dava ao ambiente o clássico sabor das velhas e decantadas "Bierbrauerei" da secular Baviera, com a sua célebre München da boa cerveja:

"Cervisiam bibunt homines

Coetera animantia bibunt ex fontibus".

O que significa: "Os homens bebem cerveja. Os outros animais bebem água".

Ah! Blumenau dos bons tempos! . . .



A NOVA MATRIZ DE BLUMENAU

Arnaldo BRANDÃO

Achar bonita ou feia a nova Matriz de Blumenau é uma simples questão de gosto. Daí as opiniões controvertidas. As daquêles que a classificam de maravilhosa e as dos outros que a tacham de mostrengo.

À êste respeito, já ouvi as mais variadas e exageradas comparações. Pessoas que a compararam com um hangar ou com um armazém comercial. Outras que descobrem, em suas linhas arrojadas, as mesmas que são utilizadas nas fachadas de clubes ou de hotéis.

Na época de Niemeyer e Lúcio Costa, onde a arquitetura nacional atingiu o climax, seria leviandade de nossa parte, o querermos nos assombrar ou deixar cair o queixo, diante de uma obra que já se vai tornando vulgar e caindo no estilo rotineiro, conforme está se sucedendo com o funcional.

Classifico-me entre aquêles que a acham maravilhosa. Concordo que suas linhas se-

jam um tanto frias ou monótonas, mas não posso concordar com os que dizem que o moderno templo blumenauense seja totalmente destituído de majestade e de imponência ou que, em seu interior, nos falte o respectivo recolhimento que nos causam as construções góticas na solenidade de suas arcadas que melhor nos transmitem o desejo de orar. Nela não encontraremos, verdade seja dita, o silêncio, a escuridão, que tão bem caracterizam o misticismo de outros templos. Opostamente a isso, vamos encontrar suas paredes banhadas pela luz do dia que não se filtra através de vitrais caprichosos, mas sim, coando-se em claras vidraças com desenhos — singelos e graciosos — que nos recordam os jardins da Canaã lendária.

Poucas imagens e reduzidos altares. Uma igreja atualizada, diferente das demais igrejas adjacentes. Foi construída

de forma a lembrar um imponente navio. Ou melhor, a consagrada barca de Pedro. Lá estão as janelas a lembrar vigias, um passadiço que nos leva ao púlpito e o campanário que representará o gigantesco mastro, apontando para o azul. Um templo que é todo feito de símbolos. Nele, tudo tem a sua especial significa-

ção. Não foi preciso recorrer à arte pictórica, para as explicações. São as próprias paredes que falam. As colunas e as janelas. O batistério e a rosácea por trás do altar mor. Uma obra de arte. Uma igreja alegre, espaçosa, luminosa e ventilada. Novo monumento da arquitetura religiosa, no Brasil contemporâneo.

A 20 de março de 1890, Manoel dos Santos Lostada assume o cargo de promotor público de Blumenau.

O CENTENÁRIO DE HERCÍLIO LUZ

Blumenau, o vale do Itajaí inteiro, não pode permanecer alheio às manifestações que estão se realizando, na capital do Estado, por motivo da passagem do centenário do nascimento de Hercílio Pedro da Luz.

Estadista de extraordinária coragem, de virtudes morais e cívicas invejáveis, Hercílio foi um dos mais vibrantes e equilibrados políticos do seu tempo. E se, na chefia do executivo estadual, a cuja frente esteve por dois quadriênios, realizou obras que lhe imortalizaram o nome, aureolando-o de glória, não devemos esquecer que foi, justamente, na cidade de Blumenau que ele iniciou a carreira que o levaria aos mais altos postos da administração pública e à imperecível gratidão de todos os catarinenses.

Sem poder opôr resistências aos imperativos de sua predestinação, tomou, quando dirigente do Serviço de Terras e Colonização nesta cidade, a

dianteira aos chefes do partido a que se filiara, para assumir a responsabilidade de expulsar do poder o federalismo que, em 1891, se instalara no governo do Estado. São conhecidas as peripécias dessa verdadeira epopéia, que culminou com o sangrento embate de 31 de julho de 1893, em plena praça pública da velha Destêrro, em decorrência do qual, Eliseu Guilherme foi espetacularmente deposto.

É Blumenau, pela sua câmara, entusiasmada pela coragem e pelo civismo do chefe indômito que, em memorável reunião, aclama Hercílio Luz governador de Santa Catarina; é inda Blumenau que lhe fornece homens e armas com os quais iria, em marcha triunfal, derrubando chefias municipais pelo caminho, acossar os adversários nos supremos postos de mando.

Por mais de uma vez, temos, nestes "Cadernos", feito aluções à atuação de Hercílio Luz

na política blumenauense e, em razão desta, nas altas esferas dirigentes de Santa Catarina, onde sempre se impoz como verdadeiro líder que era, altivo e desassombrado, dominando pela força de uma vontade inquebrantável, de uma autoridade moral que ninguém ousava contestar-lhe.

Passadas as refregas violentas, e cruentas mesmo; passadas as tempestades de que êle sempre se saía galhardamente, Hercílio sabia premiar as dedicações em prol da causa que defendia. Assim foi com Blumenau.

Quando, em 1894, serenados os ânimos, que a revolução do ano anterior alterara profundamente, e Hercílio Luz vê-se, em eleição memorável, escolhido pelo povo catarinense para a suprema magistratura do Estado, paga, com vários benefícios de grande utilidade pública, como a monumental ponte do Salto, a dívida que contraíra para com os blumenauenses que, de armas na mão, o acompanharam, com o entusiasmo de verdadeiros patriotas, nos mais arriscados e dolorosos transes por que foi preciso fazer passar a jornada glorioso que, afinal, com o seu empolgante chefe, resultou na mais completa vitória dos ideais republicanos.

Por tudo passaram Hercílio Luz e os seus dedicados companheiros, até que lhes tivesse sorrido o sucesso da causa em que se empenhavam. Perseguições, prisões arbitrárias e violentas, fugas precipitadas, nada foram em face das angústias e sofrimentos morais

que tiveram de suportar, estoicos e confiantes, antes que pudessem desfraldar aos ventos da liberdade, a bandeira de suas reivindicações, de fé na justiça e no engrandecimento da pátria.

Nas comemorações levadas a efeito, em dias dêste mês, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em Florianópolis, o seu ilustre presidente, o digno e culto mestre Henrique Fontes, auxiliar que foi do grande homenageado, na então Diretoria da Instrução Pública do Estado, disse estas palavras que bem retratam o temperamento de Hercílio Luz:

“Efetivamente, Hercílio Luz merece homenagens de governantes e de governados; e merece que se lhe rememorem, repetidamente, as ações de homem público e de simples cidadão.

Êle sempre viveu e lutou no meio da sua gente; êle conhecia as aspirações dos seus conterrâneos e com êles sentia as necessidades, que os angustiavam. Porque amava entranhadamente a sua terra para ela planejou grandes obras necessárias, sem se intimidar com deficiências nem sacrificios. Para êle, não era Santa Catarina Estado pequeno nem Estado pobre; era um Estado tão capaz como os que mais o fôssem para a riqueza e para a cultura.

A sua audácia lúcida e confiante aí está corporificada e simbolizada na Ponte que dêle tomou o nome, que, para a sua construção, só teve do Governo Federal a isenção do imposto

sôbre o material importado.

Hercílio Luz sempre foi zeloso da sua autoridade e dignidade. Lembro-me de um discurso em que, falando a estudantes secundários, acentuou que, às vezes, precisava usar de violência para poder praticar o bem. A violência de Hercílio Luz só explodia, porém, ante o que lhe parecia arrogância, ou ante desarrazoadas oposições a atos progressistas, ou ante injustiças para com os humildes. Os pequenos não sentiram a sua violência, porque êle os tratava com tão natural cordura que êles se esqueciam da sua humildade”.

Incontestavelmente, Hercílio Luz foi verdadeira incarnação de chefe; bom, generoso, justo. Mas, também, enérgico e até violento, quando as circunstâncias exigiam êsse médio extremo.

Associando-nos, pois, de todo o coração, às homenagens que ora Santa Catarina tributa à memória do seu grande e inolvidável filho, congratulamo-nos com o governo e o Estado por não terem deixado passar despercebida a data centenária do nascimento de um dos maiores catarinenses que, pela sua vida dedicada toda aos interesses do povo, soube honrar e glorificar a terra de seu berço.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

Janeiro de 1960

1 — O “Ano Bom” se inicia com as tradicionais festividades familiares e sociais, bem como diversas solenidades nas diversas igrejas da cidade.

5 — O assunto da doação do vapor “Blumenau” à Prefeitura, entra em sua fase final, com a transcrição do respectivo despacho ministerial, pelo sr. Diretor da Estrada de Ferro Sta. Catarina à Edilidade blumenauense.

6 — Em consequência da campanha de erradicação da varíola, encetada por ordem do Ministro da Saúde, Professor Mário Pinotti, mais de 20 mil pessoas

foram vacinadas em nossa região.

8 — Na reunião da COMAP é estudado o projeto da instalação de um Frigorífico Central para a venda do pescado em nossa cidade.

14 — A imprensa local secunda a advertência do sr. dr. Delegado Regional de Polícia, decidido a não tolerar abusos da “juventude transviada”, como um caso que os estudantes pretenderam encenar, domingo último em um cinema local.

— “Bola 7”, modelar estabelecimento recém-instalado no moderno edifício “Dona Helena”, à rua Floriano Peixoto, com mesas de snooker, xadrez, damas, etc., obedecendo à eficiente orientação do

sr. Artur Stammer, é mencionado na imprensa local como "ponto da melhor sociedade", onde também senhoras e senhoritas se entretêm nesses jogos de lazer.

— Em reunião com os dirigentes sindicais de Blumenau, informa o deputado federal Antônio Carlos Konder Reis que, durante o corrente ano, o congresso deverá votar a verba de 20 milhões para a construção do "muro de arrimo" à beira do Itajaí Açu, no centro da nossa cidade. Explica que, tendo sofrido restrições o plano de economia nacional, não poderá a União destinar, em 1960, outra verba vultosa para Blumenau, como seria necessário para a canalização do ribeirão Bom Retiro, plano que, assim, deverá esperar outra oportunidade para a sua concretização.

15 — "Em primeira mão", como diz a notícia, publica "A Nação" que uma majestosa ponte será construída sobre o ribeirão Garcia, no bôco Tallmann, onde apenas existe uma ponte pênsil, sujeita a enchentes. Será um empreendimento de cooperação entre a Prefeitura Municipal e os moradores do bairro, pretendendo, também, a Empresa Industrial Garcia colaborar de maneira concreta na realização de tão necessária obra.

16 — Segue para Goiânia a delegação catarinense para participar da quarta reunião plenária da Indústria, presidida pelo dr. Júlio H. Zadrozny, presidente da ACIB (Associação Comercial e Industrial de Blumenau).

17 — Assunto interessante aborda o cronista da "A Nação", "Mano Jango", dizendo que telegramas para o bairro de Ponta Aguda, centro da cidade, estão sujeitos a pagar porte, por não ter sido cientificado, ainda, o Departamento dos Correios e Telégrafos da existência da ponte "Dr. Adolfo Konder" sobre o Itajaí-Açu, inaugurada em 1957. E pergunta: A quem toca essa incumbência?

— O mesmo jornal traz uma reportagem realçando o vulto das obras públicas municipais em andamento, visitadas por um representante daquele órgão de imprensa, em companhia do fiscal do DOP. Em outro número, reporta-se o jornal ao problema que constitui a manutenção da rodovia "Governador Jorge Lacerda" que, dentro dos limites do nosso município cabe a este, tendo as águas das fortíssimas chuvas dos últimos dias arrastado barreiras nas partes retificadas, onde o leito novo foi elevado de alguns metros, em certos trechos sobre o nível dos terrenos marginais, ameaçando as fendas formadas atingir a faixa asfáltica da rodovia, ou minar a mesma, que tanto benefício tem trazido ao movimentado trânsito que sobre ela se desenvolve, como via de comunicação entre o interior da região e o pôrto de escoamento da produção, Itajaí.

17 — Comunica-se que o cartório eleitoral de Blumenau estabeleceu o horário de expediente das 7 às 17 horas, sem interrupção, visto faltarem 17 mil eleitores para efetuarem a renovação de seus títulos, decretada pelo TRE, em virtude da destruição do fichário dos eleitores no cartório da 3.^a Zona Eleitoral, pelo incêndio de novembro de 1958.

17 — Patrocinado pelo radialista Sr. José Gonçalves e senhora, o "Clube da Criança" realiza uma excursão ao município vizinho de Pomerode, onde há festiva recepção na sede do S.C. Floresta, e onde o prefeito daquele município manda oferecer saboroso lanche à petizada, que apresentou o seu "show" dominical anteriormente ao ar livre. Foi visitado depois, pelo contingente de artistas mirins e seus acompanhantes. O Jardim Zoológico, aí estabelecido e mantido por iniciativa particular, a firma Hermann Weege, que possui um parque com numerosas qualidades de animais das nossas

selvas, como antas, tigres, onças, guarás, capivaras, cervos etc., e também felinos e animais de grande porte de outros países e continentes, como vários ursos, um leão africano, lhamas etc., além dos muitos macacos, jaguares, esquilos e aves das mais lindas e raras (papagaios), pombos, corujas, águias, pavões), répteis e peixes, tendo cobras gibóias e sucuris, e o pavoroso peixe miúdo "piranha".

19 — Ocorre outro descarrilhamento na curva da estrada de ferro nas proximidades do Hotel Havana, onde, recentemente tombaram alguns vagões de um trem de carga sobre o leito da rua Bahia, tendo saltado, desta vez, os dois últimos vagões de um trem de passageiros, fora dos trilhos, sem verificar-se, entretanto, acidente de maior importância.

21 — Pelo aniversário natalício do Chefe do Executivo Municipal, sr. Frederico G. Busch Júnior, os funcionários da Prefeitura realizaram uma singela recepção de homenagens no salão nobre, onde fala em nome dos servidores municipais, o Chefe da Diretoria de Obras Públicas, engenheiro João Maria de Oliveira, tendo pronunciado, depois, o Sr. Prefeito, visivelmente emocionado, breve discurso de agradecimento. O Serviço de Reportagens da Rádio Difusora do Vale do Itajaí gravou a cerimônia, que foi irradiada em seguida.

22 — Atrai numerosa assistência a estréia do famoso circo norte-americano "CIRCO SCOPE" que apresenta 4 elefantes da Índia, 15 ursos da Rússia, leões africanos, tigres de Bengala, zebra e girafas, além dos programas de exibições cômicas de atletismo.

23 — As comemorações do 21.º aniversário de aquartelamento do 32 R.I. nesta cidade, comparecem personalidades do comando da 5.ª Região Militar, sediada em Curitiba, assim os generais Oromar Ozório, Comandante e João Gualberto Gomes de Sá,

Comandante da Infantaria Divisionária.

24 — No concurso instituído pelos "Diários Associados", para o "Clube da Criança do Rádio", coube o prêmio oferecido pelo jornal "A Nação" ao escolar Orlando Krepski.

26 — Na sessão da Câmara Municipal apresenta o vereador Romário Badia uma indicação proibindo o uso do fumo nos transportes coletivos.

27 — Realça a imprensa local a brilhante sentença do juiz da 1.ª Vara da nossa comarca, Dr. Marcílio João da Silva Medeiros, que deu ganho de causa ao Governo do Estado no caso do mandado de segurança impetrado contra a "Taxa de Investimentos" por uma firma local.

29 — É inaugurada nova ala do Hospital Santa Catarina, que, pertencente outrora ao Sínodo Evangélico, foi recentemente entregue à comunidade evangélica local que, assumindo responsabilidade imediata pelo mesmo, deu impulso à maior concentração de interesses, iniciando a ampliação do prédio, instalando na nova ala um moderno e bem aparelhado centro cirúrgico, tendo contratado médicos especializados, que trabalham sob a assistência de enfermeiras profissionais alemãs, da "Associação Agnes Karl" de Hanover, desde que a direção da Ordem de Witten recolheu as suas diaconizas aqui lotadas, há poucos anos. Compareceram às solenidades as autoridades municipais e outras figuras de projeção social, representantes da imprensa, dirigentes do SAMDU e do Centro de Saúde, e as Irmãs da "Divina Providência", pelo Hospital Católico Sta. Isabel". Abre a solenidade o Sr. Georg Traeger, membro do Conselho Diretor do Hospital, alocutando, após o descerramento da fita simbólica pela superiora Irmã Anni, e breve oração do Pastor Rolf Duebbers, o Dr. Aderbal Coelho, pelo corpo médico do conceituado nosocômio.

No Vale do Itajaí, ou em qualquer outra
região dos Estados de Santa Catarina e
Paraná, onde o senhor esteja, lembre-se:

MÓVEIS FOLLONI

DE

ALBERTO FOLLONI & CIA. LTDA.

PODERÃO FORNECER O QUE HÁ DE MAIS FINO
E ARTÍSTICO EM MÓVEIS DE TODOS OS ESTI-
LOS E PELOS MELHORES PREÇOS.

TAPETES — PASSADEIRAS — CONGOLEUNS — VELUDOS

GOBELINS — DAMASCOS

MATERIAL PARA ESTOFADORES

PUCHADORES PARA MÓVEIS

MATRIZ: Rua Barão do Rio Branco, 149

Fone: 4-1088

FILIAL: Rua São Francisco, 195

CURITIBA

—:—

PARANÁ

HOTEL REX

BLUMENAU

Santa Catarina



**100 apartamentos dotados
de todo o conforto**